

AVALIAÇÃO CONTÍNUA E DIAGNÓSTICA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Marcelo Carlos Santos OLIVEIRA
Aparecida Donizete GALETTI.

Especialistas na área de Pedagogia Escolar pelo - IBPEX

Diga-me como é o exame, e eu te direi como é a escola.
(Lauro de Oliveira Lima, 1995)

Resumo: O objetivo do presente estudo é o de mostrar que há várias maneiras que o professor pode utilizar para avaliar seus alunos em sala de aula e até fora dela, bem como resgatar as tendências educacionais e suas formas de avaliação. Não se pretende com isso dizer que se deve acabar com as provas, mas sim rever as formas de avaliar e atribuir conceitos a nossos alunos e analisar os pressupostos teóricos, metodologias da avaliação escolar, identificar as diferentes formas de avaliar, propor alternativas para se avaliar de forma contínua, conceituar o que é avaliação e diferenciar os procedimentos relacionados as provas.

Palavras-Chave: Avaliação, diagnóstico, inclusão/exclusão, metodologia, tendências educacionais.

Abstract: The purpose of the present study is to show that are several ways that the teacher can use to evaluate his students in and out of the classroom, as well as redeem the educational tendencies and his assessment forms. Haven't pretends say that owes finish with the written tests, but revise the shapes of appraising and ascribe to conceptions the our students and analyze the theoreticians assumptions, methodologies from assessment scholastic, identify the different appraising forms, propose alternatives about access of she forms continual, appraise what is evaluation and differentiate the procedures related the written tests.

Key Words: Evaluation, diagnosis, inclusion and exclusion, methodology, education tendencies.

Introdução

Dentre os vários temas educacionais, o que atualmente é mais discutido e sobre o qual se tem manifestado um número cada vez maior de educadores, é a **Avaliação**. Ela deve ser entendida como um dos aspectos do ensino aprendizagem pelo qual o professor analisa e interpreta os dados da aprendizagem e do seu trabalho didático e pedagógico, procedendo o acompanhamento e o aperfeiçoamento do processo ensino-aprendizagem. A mesma, ao longo da história, tem sido classificativa, punitiva, repressora e opressora. Avaliar significa dar notas. Sabe-se que não é nota que mede o grau de conhecimento do aluno, devendo assim eliminar a prova, e sua função geradora de nota.

Assim sendo, nesta forma de avaliação, a prioridade é demonstrar maior adequação das novas reformulações filosóficas e teóricas qualitativas pela qual a educação vem passando, pois está preocupada em formar cidadãos participativos e com pensamentos críticos que consigam atuar em diferentes situações, e dentro dessa nova visão, a avaliação contínua deixa de ter uma perspectiva qualificadora selecionadora, punidora de finalidade, e passa a ser consequência, meio de realimentação dos conhecimentos que

possibilitará tanto ao educando como ao educador reavaliar suas ações promovendo a ambos a aquisição da importância do seu fazer bem, e todo o trabalho deve levar os alunos ao objetivo maior da educação que é formação para a cidadania, base fundamental da sociedade democrática.

As Tendências Educacionais

A Escola Tradicional era centrada no professor, que era o ser supremo, somente ele era o detentor do conhecimento. Os alunos eram meros ouvintes, tinham que engolir todo aquele conhecimento sem questionar a veracidade dos fatos. Havia um “respeito” muito grande, ou pode-se dizer: *medo de se manifestar*. Baseado em Libâneo:

“A disciplina imposta é o meio mais eficaz para assegurar a atenção e o silêncio”. (1992 p. 24)

A **Escola Nova** também conhecida como escolanovismo, vem em suprimento à antiga escola tradicional que não dera certo. Segundo Libâneo:

“A finalidade da escola é adequar as necessidades individuais ao meio social e para isso, ela deve retratar, o quanto possível, a vida”.

Este segmento procurava corrigir as distorções da marginalidade, muito apregoada na escola tradicional. Sua função era de equalizar a crença no poder da escola, muito prejudicada pelo antigo sistema.

O professor tinha a função de orientar os seus alunos, cujo interesse dependia dos próprios alunos. Acreditava-se que tal atitude estabeleceria um estimulante ambiente entre professor e aluno.

A pedagogia descrita ficou somente como forma de escolas experimentais ou como pequenos núcleos bem equipados, somente abertos para “grupos da elite”.

A **Escola Tecnicista** foi encarada como uma grande ameaça para os professores da época, os quais acreditavam que a função do magistério acabaria, devido aos recursos audiovisuais que seriam colocados nas escolas.

Os alunos aprenderiam através do microensino, o teleensino, a instrução programada, o professor seria um mero orientador, pois todo o material viria pronto, seria passado aos alunos e caso não conseguissem entender, seria necessário somente voltar a fita.

Segundo Saviani:

Na pedagogia tecnicista, o elemento principal passa a ser a organização racional dos meios, ocupando professor e aluno posição de executores de um processo, cuja concepção, planejamento, coordenação e controle ficam a cargo de especialistas.

A **Escola Crítico Social dos Conteúdos** surge como uma forma de crítica aos conteúdos que são trabalhados, não contra a matéria dada ao aluno, mas na forma como ela é apresentada, de forma fragmentada e que não une um conteúdo ao outro e que também não mostra a importância desta para o aluno.

Segundo Libâneo:

“O que importa é que os conhecimentos sistematizados sejam confrontados com as experiências sócio- culturais e a vida concreta dos alunos, como meio de aprendizagem e melhor solidez na assimilação dos conteúdos”.

Nessa perspectiva, a pedagogia social dos conteúdos visa unir o útil ao agradável, em que o aluno deve assimilar todos os conhecimentos à sua vida prática. Assim sendo, surge a esperança de que a forma de como os alunos serão trabalhados sejam modificados, de que os conteúdos sejam redefinidos para que, ao terem contato com as disciplinas na escola, eles as possam levar para o seu meio.

Aspectos Gerais Da Avaliação E Da Avaliação Contínua

Diante dos diversos temas educacionais, um dos principais pontos de estudo e discussões tem sido a *avaliação*.

A avaliação relaciona-se com o sucesso e a *promoção* do indivíduo dentro do processo educativo. Esta visão se justifica nas escolas tradicionais.

Ela é utilizada por muitos professores como um recurso que lhes proporciona uma maneira de punir os alunos ou como forma de autoritarismo e de imposição, onde a avaliação tem como objetivo inicial a nota, e esta nota pode tornar-se uma *arma* nas mãos do professor, pois eles formulam provas próprias para demonstrar tudo que o aluno não sabe, e dentro dessa visão, a nota é a medida da capacidade que a sociedade exige, a competição, cujo ideal é sempre sobressair-se. Os alunos chegam à época das avaliações, repletos de ansiedade em relação a seus êxitos nas resoluções ou não do que lhes é proposto, que na realidade muito pouco ou nada têm a ver com sua real condição de aprendizado.

Segundo VASCONCELLOS (1994, p. 20):

Para o enfrentamento desta situação toda em torno da avaliação, é necessário compreender efetivamente o problema, captar o movimento do real em termos da avaliação na prática. Devemos buscar um procedimento metodológico que nos ajudem construindo um método de trabalho que nos possibilite evitar tanto o fechamento do grupo quanto a dependência, caminhando sempre em direção à autonomia.

Afirma ainda que *a avaliação é um entulho contra o qual se esbarram muitos esforços para pôr um pouco de dignidade no processo escolar*.

A avaliação, como todos os aspectos educacionais, abrange e desenvolve-se dentro da metodologia pedagógica e psicológica.

Dentro da Psicologia, ela tem a seguinte finalidade e importância: a “avaliação educacional” pode ser utilizada para aumentar a oferta e/ou o aproveitamento de oportunidades educacionais.

A avaliação educacional pretende verificar se o estudante alcançou, e em que grau, os objetivos a que se propõem o processo de ensino. Implicitamente, a avaliação exerce o controle do conhecimento e, dissimuladamente, o

controle das hierarquias sociais.

A avaliação exerce o controle do conhecimento na medida em que define o que deve saber o estudante. Avalia se ele sabe **tudo** o que deve saber e **apenas** o que deve saber, e ainda se sabe tal **como** deve saber; dessa maneira, a avaliação é uma forma de dominação, tal como afirmam BOURDIEU-PASSERON (1975: p. 260):

O exame não é somente a expressão mais legível dos valores escolares e das escolhas implícitas do sistema de ensino; na medida em que ele impõe como digna de sanção universitária uma definição social do conhecimento e da maneira de manifestá-lo, oferece um de seus instrumentos mais eficazes ao empreendimento de inculcação da cultura dominante e do valor dessa cultura.

Pode-se, pois, dizer que a avaliação, na verdade, limita as oportunidades educacionais e sociais, na medida em que legitima determinada cultura em detrimento de outras, e legitima determinada forma de relação com a cultura, em detrimento de outras formas.

A avaliação educacional é assim considerada justa enquanto se declara baseada no mérito e enquanto o sistema assegura que a todos é dada igual oportunidade de demonstrar seu mérito.

A relação entre sucesso escolar e as situações sociais privilegiadas, entre fracasso escolar e as situações das classes desfavorecidas, demonstraram que a escola confirma e reforça a cultura das chamadas privilegiadas,

(...) “*dissimulando a seleção social sob as aparências da seleção técnica e legitimando a reprodução das hierarquias sociais pela transmutação das hierarquias sociais em hierarquias escolares*” (BOURDIEU, 1975: p. 114).

Dissimulação, camuflagem, mistificação – de tudo isso, a avaliação é o grande instrumento. Na visão de BORDIEU:

Nada é mais adequado que o exame para inspirar a todos o reconhecimento da legitimidade dos veredictos escolares e das hierarquias sociais que eles legitimam, já que ele conduz aquele que é eliminado a se identificar com aqueles que malogram, permitindo aos que são eleitos entre um pequeno número de elegíveis ver em sua eleição a comprovação de um mérito ou de um ‘dom’ que em qualquer hipótese levaria a que eles fossem preferidos a todos os outros. (1977: p. 47)

Há, porém, outros mecanismos em que a função social da avaliação é mais sutilmente dissimulada. Um deles é aquele que Bourdieu denominou de *eliminação sem exame*, na verdade a seleção, além de mascarar a eliminação daqueles que são excluídos antes mesmo de serem examinados.

Há dois tipos de escola que servem a clientela escolar dos países subdesenvolvidos, os quais constituem duas redes, uma que conduz ao sucesso, outra ao fracasso. Nas escolas que atendem à clientela socialmente desfavorecida,

tanto o ensino como à avaliação ajustam-se às características dessa clientela, e permite assim a promoção de uma série a outra, criando a ilusão do sucesso escolar, ilusão que é desmistificada quando o estudante submete-se a mecanismos de seleção fora da escola que o aprovou ou quando, na vida profissional, fracassa na competição com os que provêm das escolas que servem às classes privilegiadas. O mesmo fenômeno ocorre sempre que o sistema busca estratégias para amenizar as desvantagens que se prendem à origem social.

De tudo isso, pode-se concluir que a avaliação, sob uma falsa aparência de neutralidade e de objetividade, é o instrumento que, por excelência, lança mão do sistema de ensino para o controle das oportunidades educacionais, e para dissimulação das desigualdades sociais que ela oculta sob a fantasia do dom natural e do individualmente conquistado. Sua utilização, tal como se dá na maior parte dos países e, particularmente, nos países subdesenvolvidos, não incrementa as oportunidades educacionais e sociais, ao contrário, restringe-as e orienta-as no sentido mais convencional à manutenção da hierarquia social.

Avaliar deriva de *vilia*, que significa “valor”. Portanto, avaliação corresponde ao ato de determinar o valor de alguma coisa. Assim sendo, a avaliação se torna etapa obrigatória do ciclo docente. Entretanto, a aprendizagem dos alunos não é seu único foco de interesse dentro do campo educacional. Na realidade, nesta área, qualquer elemento é passível de ser avaliado.

É dentro desta linha que se desenvolvem alguns conceitos de avaliação:

Segundo THORNDIKE e HAGEN (1964: p. 39):

Avaliação em educação significa descrever algo em termos de atributos selecionados e julgar o grau de aceitabilidade do que foi descrito. O ‘algo’, deve ser descrito e julgado sob qualquer aspecto educacional, mas é, basicamente: a) um programa escolar; b) um procedimento curricular ou c) o comportamento de um indivíduo ou de um grupo.

Segundo BRADFIELD e MOREDOK (1963, p. 177): *Avaliação significa atribuir um valor a uma dimensão mensurável do comportamento em relação a um padrão de natureza social ou científica.*

SARUBER (1971, p. 117) afirma que:

Avaliação educativa é um processo complexo que começa com a formulação de objetivos e requer a elaboração de meios para obter evidências de resultados, interpretação dos resultados para saber em que medida foram os objetivos alcançados e formulação de um juízo de valor.

Seguindo estes conceitos, desenvolvem-se três modalidades de avaliação, quais sejam: **Avaliação Diagnóstica**, que está relacionada a uma metodologia do diagnóstico que determina uma forma de diagnosticar e determinar o grau em que um aluno domina os objetivos previstos para iniciar uma unidade de ensino, uma disciplina ou curso. Também é utilizado para verificar se existem alunos que já possuem o conhecimento e as habilidades

previstas a fim de orientá-las a outras oportunidades, novas aprendizagens.

A **Avaliação Formativa** busca basicamente identificar insuficiências principais em aprendizagens iniciais, necessárias à realização de outras aprendizagens. Providencia elementos para, de maneira direta, orientar a organização do ensino-aprendizagem em etapas posteriores de aprendizagem corretiva ou terapêutica. Neste sentido, deve ocorrer freqüentemente durante o ensino.

Esta avaliação tem dois propósitos: informar o professor e o aluno sobre o rendimento da aprendizagem e localizar as deficiências na organização do ensino.

Para PILETTI (1982: p. 86), a **Avaliação Somativa** tem a finalidade de, no final do período letivo, classificar os alunos segundo o nível de aproveitamento. Esta exclusão de alunos fatalmente ocorrerá, posto que há a impossibilidade de todos ocuparem os primeiros lugares em tal classificação, não seria simplesmente uma nódoa na relação que deve existir entre professor e aluno. E o resultado de tal classificação para o aluno, ocupante dos últimos lugares da lista, deverá ser extremamente desanimadora, posto que ele se pode ver diminuído frente aos colegas, tornando-se um excluído e, conseqüentemente, não fazendo parte do ideal de aluno formado nas cabeças de todos os professores.

A avaliação somativa é também denominada de “classificatória” ou “tradicional”. Alguns especialistas em avaliação afirmam que neste tipo de avaliação possivelmente se encontra o primeiro exemplo de exame final, representativo da avaliação somativa, que é um processo de descrição e julgamento para classificar os alunos ao final de uma unidade, semestre ou curso, segundo nível de aproveitamento, expressos em graus (notas), ou conceitos. Um propósito complementar que orienta a avaliação somativa é o de comunicar resultado para pais e administradores.

Dentro de uma perspectiva histórica, determina-se que avaliação dentro do processo ensino-aprendizagem pode ter inúmeras formas e funções, e que atendem as expectativas de cada momento histórico da humanidade e das classes detentoras do poder.

Também abre margem a uma rápida análise de que a avaliação é uma constante na vida das pessoas, e como tal, necessita ser operacionalizada por pessoas que detenham conhecimento do que venha a ser uma avaliação, e ao desenvolver tais testagens, seja idônea e que demonstre responsabilidade e justiça. É importante ressaltar que avaliação não se dá apenas no âmbito educacional, mas também nas outras áreas que compõem a sociedade.

Entre os padrões utilizados pelas instituições educacionais, observa-se os objetivos escolares, médias, conceitos arbitrários e hábitos tradicionais, e que vêm sendo combatido por muitos dos estudiosos e pelos educadores, que já sentem a necessidade de transformar esta maneira de avaliar.

Objetivos e Importância da Avaliação Contínua no Ensino Médio

Dentro do atual desenvolvimento tecnológico, social, cultural e econômico por que passa a humanidade, a educação também deve acompanhar e se readaptar às novas estruturas sociais e culturais do mundo. Dentro da educação,

um aspecto que tem causado polêmicas é a avaliação.

A forma de avaliar, atualmente em destaque, é a avaliação contínua, onde as preocupações se voltam para o indivíduo e suas habilidades e capacidades, comparando a si mesmo.

Para adequá-la às novas expectativas educacionais e sociais, exige-se uma reestruturação dos valores educacionais e escolares de professores, alunos e pais, daí a grande dificuldade de transformar-se esta prática.

Quando o professor começa a pensar sobre avaliação, ou se defronta com a situação concreta de avaliar os alunos, comumente perguntas como estas surgem: “Como e quando aplicar a prova?”, “que tipo de prova fazer?”, “que aspectos e pontos devem ser avaliados?”, “o que é importante numa avaliação?”, “que técnica de avaliação deve ser utilizada?”

O processo de avaliação relacionado ao processo de aprendizagem: quando professor e aluno estão empenhados em conseguir uma aprendizagem, é fundamental que lhes digam se a aprendizagem está sendo conseguida ou não, se estão caminhando em direção ao conjunto terminal pretendido, ultrapassando os pontos intermediários de forma sucessiva e cumulativa, ou se desviando dele. Assim concebido, esse processo de avaliação passa a ser parte integrante do processo de aprendizagem, parte necessária fundamental.

Este momento de avaliação permite ao professor perceber se tem claros os seus objetivos de aprendizagem ou não. Estará preocupado em avaliá-los, ou o que faz é expor um certo conteúdo durante algumas aulas e depois realizar provas para poder dar uma nota? Muitos já se defrontaram, direta ou indiretamente, com circunstâncias nas quais a prova ou a avaliação pouco ou nada tem a ver com a aprendizagem, sequer do conteúdo transmitido, muito menos dos objetivos mais amplos; então pergunta-se: será que o professor tinha determinado, com clareza, os objetivos do curso?

Processo Contínuo

Para que a avaliação se constitua num processo contínuo, é condição básica que, em todas e cada uma das atividades previstas e realizadas, o aluno e professor se informem sobre sua aproximação ou não dos objetivos propostos. Esta informação dirá se a atividade foi realizada adequadamente, e então se pode passar para a atividade seguinte. Com isto reinicia-se continuamente uma aprendizagem.

Quando se fala que o processo de avaliação deverá estar voltado para o desempenho do aluno, quer-se dizer que é importante acompanhar seu desenvolvimento, a partir do desempenho concreto em cada uma das atividades e procurar o máximo de objetividade para colaborar com a evolução do próprio aluno em direção aos objetivos.

Outras vezes, a falha se encontra no próprio plano: este por vezes inexistente ou existe mas não está adequado às condições físicas daquela classe ou às condições intelectuais daquela turma ou às condições de tempo e calendário, ou aos improvisos que sempre surgem. O que vale dizer: a avaliação da consecução ou não de uma aprendizagem deve recair sobre estes três aspectos: o desempenho do aluno, o desempenho do professor e a adequação do plano.

O processo de aprendizagem é dinâmico e, em geral, ascendente em direção aos objetivos propostos. Não se trata,

porém, de um movimento ascendente linear. Ele se compõe também de desvios e retrocessos. Todavia, sempre exige, por parte do professor, uma cuidadosa observação, uma habilidade que precisa ser treinada, sobretudo no que se relaciona com a aprendizagem, bem como uma troca de idéias entre professor e aluno para encaminhamento posterior, que tanto poderá servir para que o aluno se desenvolva mais e mais rapidamente, como para que ele ou o professor corrijam determinadas falhas em seus desempenhos, ou o plano seja melhor adaptado.

Considerando, pois, que a avaliação contínua é uma revolução para alunos e professores, que deve mudar seu comportamento perante o processo de ensino aprendizagem, a avaliação contínua exige da família e do aluno uma nova postura, pois requer responsabilidade, interesse e organização, e acima de tudo estudos constantes, e não mais uma vez isolada durante o bimestre. E do professor exige maior cuidado ao planejar e certeza dos objetivos de cada unidade, além de ser observador e criativo para que possa proporcionar conhecimento e uma mudança de atitude para que possa avaliar sem sobrecarregar a si e aos alunos de atividades a título de avaliação.

A avaliação não se restringe mais ao julgamento sobre o sucesso ou fracasso do aluno, é compreendida como um conjunto de atuações que tem a função de alimentar, sustentar e orientar a intervenção pedagógica. Ela ocorre contínua e sistematicamente por meio das interpretações qualitativas do conhecimento construído pelo aluno. Possibilita conhecer o quanto ele se aproxima ou não da expectativa de aprendizagem que o professor tem em determinados momentos da escolaridade, em função da intervenção pedagógica realizada. Portanto, a avaliação das aprendizagens só pode acontecer se forem relacionadas com as oportunidades oferecidas, isto é, analisando a adequação das situações didáticas propostas ao conhecimento prévio dos alunos e aos desafios que estão em condições de enfrentar.

Utilizar a avaliação como instrumento para o desenvolvimento das atividades didáticas requer que ela não seja interpretada como um momento estático, mas antes como um momento de observação de um processo dinâmico e não linear de construção do conhecimento. Assim, a avaliação contempla o elemento integrador entre a aprendizagem e o ensino.

A escola visa desenvolver a cidadania atuante de seus componentes e obtenção de uma sociedade justa, crítica e autônoma e democrática, provedora dos recursos necessários para a manutenção, organização e união da sociedade e formar cidadãos felizes com sua cidadania.

Isto implica em um trabalho amplo da sociedade e não só das instituições educacionais, daí a importância da avaliação, pois ela não acontece só nas escolas, mas em todos os âmbitos sociais, afetivos, cognitivos e culturais onde o indivíduo se encontra.

Referências

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. A reprodução. *Revue Européenne de Sciences Sociales*, p. 25-185-197, 1971.

COLOTTO, C. A. **Processo de avaliação**: escola para professores. Currículo básico do estado do Paraná. Secretaria de Educação. Curitiba, 1990.

FREIRE, P. **A educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GOLDBERG, M. A.; SOUZA, C. P. de. **A prática da avaliação**. São Paulo: Cortez, 1979.

HOFFMAN, J. **Avaliação, mito & desafio**: uma perspectiva construtivista. 11. ed. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1991.

_____. **Avaliação mediadora**: uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1991.

LIBÂNIO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

_____. **Democratização da escola pública**. São Paulo: Loyola, 1992.

MEDRANO, Z. D. **Módulos instrucionais para medidas e avaliação em educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.

PILETTI, C. **Didática geral**. São Paulo: Ática, 1982.

PILETTI, N. **Estrutura e funcionamento do ensino de 1º grau**. São Paulo: Ática, 1983.

POPHAN, W. J. **Como avaliar o ensino**. Porto Alegre: Globo, 1978.

SIMON, S.; DURHAN, E. R. **Avaliação do ensino superior**. São Paulo: USP, 1992.

TURRA, C. M. G. et al. **Planejamento de ensino e avaliação**. 11 ed. Porto Alegre, 1995.

VAL, M. da G. C. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

VASCONCELOS, C. dos S. **Avaliação**: concepção dialética libertadora do processo de avaliação escolar. 4. ed. São Paulo: